



O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUNS CONCEITOS, MUITAS REFLEXÕES E POUCAS MUDANÇAS

FOGLIATTO, Naira Zimmermann Neves²; LIMA Cléia Fatima de²; LINCK, Ieda Márcia Donati¹; NONENMACHER, Dalila Batista¹; PAQUERA, Marisa Conrado¹; PROCÓPIO, Terezinha de Fátima Giester²; RIBEIRO, Thieli, Hinning²; SILVA Marcia Lima da²; SILVEIRA, Nadia Nubia Copatti²; SOUZA², Regina da Graça Silva de².

Palavras-Chave: Pesquisa. Teoria. Prática. Mudança.

Neste texto, buscamos discutir o uso da Gramática no ensino de Língua Portuguesa, a partir de um estudo realizado de forma interdisciplinar, no Curso de Letras da Universidade de Cruz Alta/Parfor. Iniciamos com uma pesquisa teórica, uma observação nas escolas e a elaboração de um projeto de aplicação. Fizemos uma pesquisa sobre as classes gramaticais, numa perspectiva comparativa entre alguns teóricos, como José Macambira, Evanildo Bechara, Celso Cunha, a Nomenclatura Gramatical Brasileira, e alguns livros didáticos, buscando mostrar as especificidades dos mesmos.

A relevância deste trabalho está na possibilidade de aprofundar o entendimento do uso/funcionalidade das classes gramaticais, numa perspectiva funcional e não apenas normativa. O ensino de Língua Portuguesa deve ser vinculado ao uso, pois caso isso não ocorra se torna vazio, sem sentido e descontextualizado.

Temos uma língua própria, mas mesmo assim seguimos uma gramática normativa do Português, que não pode ser direcionada à fala da mesma maneira que à escrita. É uma norma padrão extremamente conservadora e anacrônica, que não se inspira no uso real contemporâneo. Não dá mais para ignorar as diferenças entre a língua falada e a língua escrita. É preciso, sim, repensarmos o ensino de uma língua, a qual os alunos já dominam: a língua materna.

Métodos e Metodologias

As discussões apresentadas neste texto são oriundas de uma pesquisa descritiva comparativa, que teve início na disciplina de Português IV, na Universidade de Cruz Alta

¹ Orientadoras do Trabalho. Docentes da Unicruz. Parfor.

² Acadêmicas do 4º semestre de Letras da Universidade de Cruz Alta – Programa Parfor/Capes.



Unicruz/PARFOR, sobre as classes de palavras, durante o primeiro semestre de 2012.

Inicialmente, fizemos um estudo de reconhecimento da morfologia, apenas comparando as diferenças e semelhanças na abordagem da temática, apresentada em teóricos de épocas distintas, sendo eles: José Rebouças Macambira, Bechara, Cunha, NGB e livros didáticos atuais. Após isso, fizemos uma análise minuciosa de como as referidas classes são conceituadas para se verificar um possível reducionismo que pode complicar ainda mais o entendimento dos alunos. Em seguida, analisamos os livros didáticos utilizados nas escolas em que observamos as aulas³. O trabalho culminou com uma apresentação em forma de seminário no Salão Nobre da Unicruz Centro. Adiantamos que na tentativa de didatizar as gramáticas, os manuais didáticos retiram informações que poderiam facilitar a compreensão das regras que norteiam a língua portuguesa. Esse foi o nosso objetivo: analisar até que ponto essa tentativa realmente será eficaz no aprendizado de Morfossintaxe⁴.

Resultados e Discussões

A partir da análise feita, constatamos que a Nomenclatura Gramatical Brasileira, em uma divisão muito pouco convencional, serve de modelo aos que a sucederam. Ela cumpre com seus objetivos, pois representa a proposta de nomear os termos que compõem a frase, passando de Gramática da Língua Portuguesa para NGB⁵.

Em todas as gramáticas analisadas há uma tendência à nomeação, a separação de forma normativa/prescritiva. O conceito aparece em primeiro lugar, solicitado nos exercícios como forma de testagem do conhecimento do educando. Os exemplos utilizados, de forma geral, advém da literatura, mesmo nos mais atuais. Outra questão importante é que livros mais atuais retiram as minúcias explicativas, mas insistem em apenas nomear, ou seja, os poucos exemplos existentes são utilizados para isso. E mais, não há uma explicação lógica da importância de o aluno aprender os nomes dos termos que compõem uma sentença. Apenas, em qualquer explicação, surge esse conteúdo apontado como forma de reconhecer-se como usuário dessa língua.

É natural que nas gramáticas tradicionais a forma de apresentação do conteúdo seja mais explicativo, com exemplos do meio literário, com base na nomenclatura, até porque isso está previsto como função das gramáticas. No entanto, causa-nos estranheza que livros

³ Esse foi um trabalho desenvolvido na Disciplina de Prática Docente I, previsto na grade Curricular do Curso de Letras da Unicruz.

⁴ Falamos em Morfossintaxe uma vez que não conseguimos pensar uma desvinculada da outra.

⁵ Nomenclatura Gramatical Brasileira.



didáticos editados no ano passado ainda sigam essa forma. Os termos utilizados são desvinculados, sem propósito ou qualquer relação com o texto apresentado. Aliás, o texto é apenas utilizado como fonte para que dele sejam retirados os adjetivos, substantivos, advérbios e assim por diante. Não há uma reflexão sobre a língua que os alunos já dominam, há apenas a nomeação dessa língua. Isso contraria o ensino proposto pelos PCNs (1998), nos quais a aprendizagem da língua é algo que está muito além da decodificação e se constitui em combinar palavras e frases formando situações mais complexas, é a disseminação cultural de um povo e sendo necessária para que haja uma interpretação de quem somos.

Em relação ao exposto acima, a dificuldade que o professor enfrenta para trabalhar a língua portuguesa, esbarra primeiramente na questão cultural que em todos os momentos está relacionada aos problemas do uso da língua materna, pois há um imaginário de que a única língua “correta” é aquela que a escola ensina: pautada em conceitos, nomes, normas, regras perfeitas. Enfim, nos materiais pesquisados há diferença entre os formatos e normas, mas a essência é a mesma, prevendo a unidade da língua.

Considerações Finais

O ensino da língua portuguesa deve ser repensado e reavaliado, pois o livro didático é tradicional e prioriza muito regras e normas, não possibilitando ao aluno interagir, chegando a suas conclusões próprias, enfatizando apenas o certo e o errado não o caminho para chegar ao saber. Segundo Antunes (2007 *apud* PAULINA, 2007), “é preciso ir além das definições para descobrir a importância do aprendizado de morfologia" (...) ”é necessário ir além da nomenclatura, das classificações, da simples análise sintática de frases soltas para ver como as unidades da língua funcionam na construção dos textos e que efeitos seus usos podem provocar na constituição do discurso” (p.04).

Ainda está em vigor o mito de que a língua materna é inatingível, materializado pelo uso da gramática simplesmente pelas regras, não sendo estudada como instrumento para o sujeito atuante enquanto nativo dessa língua. Além disso, devemos considerar o fato de que as línguas estão em constante mudança há a necessidade de se proporcionar ao aluno recursos que trabalhem essas transformações de acordo com o seu contexto.

Para que o ensino seja eficaz, é fundamental que o professor tenha um conhecimento aprofundado, que se mantenha em constante atualização e esteja atento ao conhecimento prévio dos alunos. Assim, ensino e troca de informações poderão ser uma forma eficiente de aprendizagem e da aquisição do gosto pela disciplina e o envolvimento constante no aprendizado de Língua Portuguesa.



Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucena, 1999.

BELTRÃO, Eliana Santos. **Novo Diálogo**. 1º ed. São Paulo: 2008.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio: Parte II – Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CUNHA, Celso. **Gramática de Base**. Rio de Janeiro: FENAME, 1981

MACAMBIRA, José Alencar. **Estrutura do Vernáculo**. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

MATTOSO, Câmara Jr. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 1995.

NGB. **Nomenclatura Gramatical Brasileira**; Portaria nº 152, de 24 de abril de 1957: Ministério do estado da educação e cultura. Disponível em <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org>>. Acesso em 04 jun.2010.

TERRA, Ernani & Nicola, José de. **Gramática, literatura e relação para o ensino médio**. Rio de Janeiro: Scipione, 2001.

PAULINA, Iracy. **Revista Nova Escola**. 2007. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/gramatica-decoreba-423568.shtml>>. Acesso em 06 jul. 2010.